



**UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul**  
**CURSO DE ARTES CÊNICAS – LICENCIATURA**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC**

**ANDRESSA ZONTA BUSSOLARO**

**TEATRO DE ANTENA:  
O RADIOTEATRO E A VIAGEM SOBRE A CENA PELOS ARES**

Campo Grande, MS  
NOVEMBRO / 2018

**ANDRESSA ZONTA BUSSOLARO**

**TEATRO DE ANTENA  
O RADIOTEATRO E A VIAGEM SOBRE A CENA PELOS ARES**

Trabalho de Conclusão de Curso, orientado pela Profa. Dra. Gabriela Di Donato Salvador Santinho, como requisito parcial para conclusão do curso de Artes Cênicas - Licenciatura da UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Campo Grande, MS  
NOVEMBRO / 2018

## TEATRO DE ANTENA

### O RADIOTEATRO E A VIAGEM SOBRE A CENA PELOS ARES

Andressa Zonta Bussolaro – UEMS<sup>1</sup>

Gabriela Di Donato Salvador Santinho – UEMS<sup>2</sup>

#### RESUMO

O presente artigo trata de uma pesquisa bibliográfica sobre as relações diretas entre rádio e teatro transfigurando-se na linguagem do radioteatro por intermédio das vivências de meus avós contadas e recontadas inúmeras vezes, que culminavam repetidamente nos momentos imaginários proporcionados por suas mentes ao escutares as histórias dramáticas teatrais através da transmissão radiofônica. A imaginação é um potencial humano inato que vem sendo podado diariamente pela objetividade racional de suplício social, por ser uma característica que opera com percepções e sentidos não racionais e de natureza subjetiva. O rádio, bem como o teatro e, no caso do presente projeto, o radioteatro, necessitam desta subjetividade pessoal oriunda do imaginário, tanto para o ator criador e para o público, quanto para o radioator e para o ouvinte. Trata-se de uma troca criativa imaginativa, que é ativada, desta maneira, pelo aguçado do sentido auditivo, única e exclusivamente. Para tanto, foi feito um levantamento bibliográfico sobre as histórias do rádio e radioteatro, sendo que a pesquisa em si se deu a partir dos entrecruzamentos e ligações coexistentes entre o rádio e o teatro. Utilizo, diante disso, autores que exemplificam o meu objeto de pesquisa, entre eles Reynaldo Tavares e Roberto Salvador que pensam o rádio e o radioteatro e Mirna Spritzer que fala sobre as relações existentes entre ambas as linguagens. Congruente, utilizo da pesquisa em arte para falar dela mesma, produzida por uma escrita poético-científica, uma *performance* escritural que utiliza, conjuntamente, da poesia artística e da teoria científica resultando num discurso artístico poético científico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro; Rádio; Radioteatro; Imaginação.

#### INTRODUÇÃO

Diante a problemática posta, a ausência de meu pai, sentida há dois anos, faz-se presente em meus dias a partir de então, e indiscutivelmente, no ato de escrita do meu trabalho de conclusão de curso. Desta forma, optamos por escrever o artigo em formato de carta endereçada a ele, que teve influência direta em minha história com o rádio e com o teatro. Por se tratar de um tema que permeia o imaginário, busco trazer a sensação real ao leitor do que proponho. Desta maneira, ele é levado, do início ao final da leitura, a uma verdadeira viagem imaginativa, fazendo-o não apenas compreender o objeto, como também senti-lo e incorporá-lo física, mental e sensivelmente.

Seja bem-vindo (a)! Está preparado (a)? Afivele seus cintos, respire profundamente, relaxe e imagine. Não se esqueça de levar um casaco, no céu ou no Sul pode estar frio. Nossa viagem imaginária vai começar!

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Artes Cênicas - Licenciatura, ofertado pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. Email: andressabussolaro@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora Doutora do Curso de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. Email: gabrieladdsalvador@gmail.com

## **Carta ao meu pai no céu**

Pai:

“Como é que está aí? De você faz tempo que não ouço nada. [...] Sei que agora deve estar impressionando os anjos [...]” (MIOTO, 2017) com seus belos discursos que embalaram grande parte de nossas vidas. Fala alto aí de cima que eu preciso ouvir. Estou sentada em frente ao computador com uma garganta embargada e um coração emanando saudades. Quão bom seria se essa nossa distância pudesse ser aproximada com o envio de uma carta... Se a solução fosse apenas colocar combustível no seu fusca verde-mar e levá-lo até você, com a desculpa de passarmos uma tarde juntos dançando e cantando desafinadamente, como bem sabíamos fazer. Porque a morte tem que doer tanto? Ela me dói por todo canto, em todo lugar. Na verdade, ainda mesmo que passado dois anos, não consigo ligar essa palavra ao seu nome. Ela me vem como uma navalha afiada que corta meu corpo em pedaços que são jogados num terreno baldio para ser devorado por abutres, lentamente. Eu sabia que seria impossível escrever pra você sem tocar nesse assunto. Você já deve estar cansado de ouvir lamentações e choro baixinho, não é?

Meus dias em Lindóia<sup>3</sup> sem você têm sido um tanto quanto aniquiladores, pois toda vez que meus olhos cruzam com um pertence seu, uma parte de mim é amputada, sem dó. Como se uma guilhotina de lâmina afiada fosse lançada de uma distância friamente calculada a fim de ganhar uma velocidade constante e, em questão de segundos, mutilasse pedaço por pedaço do meu corpo. A sua camiseta de gola polo laranja, o chinelo de borracha com tiras largas, as gravatas de várias cores e formas, as camisas sociais de manga longa, o terno com listras de príncipe, os perfumes Portinari. Todos esses são uma parte de mim ao chão. De uma forma peculiar, o seu escritório se tornou meu santuário. Sua foto emoldurada ao lado dos seus certificados já presenciou muitas lágrimas pelas minhas passagens por lá.

Dia desses, abrindo suas gavetas de organização impecável ao qual eu não herdei, encontrei uma caixa. Embrulhada com um dos diversos papeis de presentes que guardamos dentro de uma bolsa. Uma caixa de sapato, retirada dos seus diversos pares. Um pedaço de papel branco rasgado continha uma escrita feita à caneta com letras de forma. “Pra quando eu me for”. Os traços estavam um pouco borrados, como se gotas de água ou algum tipo de líquido caísse sobre eles no momento da escrita. Logo abaixo

---

<sup>3</sup> Lindóia do Sul, município localizado em Santa Catarina.

se encontrava meu nome. Era a sua letra, pai. Abri. Dentro dela haviam pedaços de papel dobrados ao meio. No verso da tampa da caixa tinha alguns dizeres. “Filha, se você encontrou essa caixa é porque a realidade escrita na frente dela chegou. Durante minha vida tive a oportunidade de ler vários livros. Cuidadosamente, escolhi e separei algumas partes deles pra você. A princípio, poderão não fazer sentido, mas quando chegar o momento certo, você saberá usar. São respostas que eu gostaria de te deixar, elas serviram para mim um dia. Com amor, pai.” Esse é o meu momento certo. Hoje elas me serão úteis. Por isso, durante a escrita dessa carta eu abrirei os pedaços de papel, aos poucos. Elas me serão necessárias para aquele momento. Então, pai, se durante a leitura você encontrar uma frase entre aspas e na sequência o nome de pessoas com números dentro de um parêntese, foi o momento que eu decidi abrir um deles. Eu sei que fará sentido.

Veja só, pai, já se passaram quatro anos e estou prestes a me formar. Não quero deixar de lhe contar que consegui realizar dois dos meus grandes sonhos: Hoje possuo Registro Trabalhista na profissão de Atriz e Locutora de Rádio. Lembra quanto almejei por isso? Voltando ao assunto... Eis que surge o momento em que preciso escrever meu Trabalho de Conclusão de Curso. Meu sangue começa a borbulhar e a engrenagem da cabeça acelera. Paro para pensar num possível tema de pesquisa. Com esse pensamento, faço um retrospecto da minha vida. No ano de 2010, você, com 32 anos, estava exercendo seu primeiro mandato como prefeito de Lindóia do Sul. O menino que saiu do interior da cidade. Andava cerca de dezessete quilômetros da comunidade de Linha Alegre até o centro da cidade. A pé, muitas vezes de pés descalços ou com um tênis doado pelos tios usado pelos primos já velhos. A mochila era um saco de farinha ou quando sobrava mais dinheiro vinha a riqueza: um saco de açúcar. Era chique, de última tecnologia: não rasgava na chuva e dava pra amarrar uma cordinha pra pendurar nas costas. Acordava três horas antes pra chegar a tempo de ir pra aula. Sonhava em ser advogado. Andava pelas pedras da estrada, pisava nas poças de lama, sempre se imaginando defendendo pessoas e lutando pela justiça. Na verdade, foi exatamente isso que aconteceu. Chegava da escola, depois de mais dezessete quilômetros, e o cabo da enxada lhe esperava. O sol ardendo e vinte sacos de milho pra plantar. Era o sustendo deles. Se não plantava, não comia. Era o irmão caçula. Foi o único que conseguiu fazer e concluir o Ensino Médio. Com os mesmos dezessete quilômetros de distância, mas agora mais chique ainda, com veículo. Um cavalo velho que muitas vezes empacava na beira de estrada e tinha que ser empurrado até a cidade. Esse menino cresceu, tornou-se

um homem, casou-se com minha mãe, a moça do “pavão no bumbum”, como você sempre dizia. Ela tinha uma calça com um pavão bordado no bolso traseiro que usava, repetidas vezes, como se só possuísse aquela. Confessa, pai, o pavão te conquistou!

Entrou para a arte... Abriram um estúdio de fotografias, depois de anos de luta e trabalho, e tornaram-se fotógrafos. Ele e Ela. Vocês. Os dois unidos. Um problema de catarata o fez desistir. E no fim, quem acabou virando artista fui eu. Anos mais tarde, eu já nascida e crescida, surgiu uma oportunidade de você entrar para a política.

Agora que contei um pouco sua trajetória até aqui, vou para o ponto que realmente interessa. Na função de prefeito, foi inúmeras vezes para Brasília, a capital do país, em busca de recursos para a cidade e, numa dessas viagens, levou um projeto de implantação de uma Rádio Comunitária. Bateu de porta em porta. Recordo quando fiquei com bolhas nos pés de acompanhá-lo numa dessas andanças. Lembro-me também com orgulho do dia em que você, com um pé quebrado, usando muletas, com uma maleta de projetos embaixo do braço, andou pelas instituições do governo e voltou com conquistas enormes. Quanta inspiração! Uma dessas conquistas foi a autorização para a construção e equiparação dessa Rádio Comunitária para Lindóia do Sul, Santa Catarina. Em uma fila de cinco mil municípios que solicitavam tal feito, você conseguiu! Uma cidade com menos de cinco mil habitantes agora possuía um veículo de informação e comunicação próprio! Tempos depois, inaugurávamos a Rádio Princesa do Vale, como você nomeou. Foi você quem colocou para transmitir a primeira música. De casa, eu ouvia sua voz soando pelos microfones. Era uma canção de ninar para meus ouvidos. Estava ali, anunciando oficialmente, uma conquista inteiramente sua. E, mal sabia você, que ela seria uma de minhas futuras paixões.

Como não havia lugar para instalá-la, oferecemos para aluguel uma sala da *nona*<sup>4</sup> que ficava na parte superior da nossa casa. Um quarto mal acabado, com um banheiro minúsculo que tinha um cheiro estranho, e um assoalho barulhento que dava pra se ouvir lá de baixo tudo que se fazia em cima. Por lá a rádio ficou até ano passado. Durante oito anos ouviam-se os locutores falarem através da parede de madeira do quarto de visita da *nona*. Nunca precisamos ligar o rádio para que pudéssemos ouvi-lo.

Você sempre me influenciou em tudo. No modo de falar, na simplicidade e humildade, no jeito de tratar as pessoas. Essa influência me levou a ser convidada, por muitas vezes, pela diretoria que na época estava à frente, a fazer um programa na rádio.

---

<sup>4</sup> *Nona* ou *nono*. Palavras italianas para se referir à avó ou avô, respectivamente.

Por achar que não possuía capacidade para assumir tal responsabilidade sempre recusava. Até que, numa determinada noite, ao visitar o locutor voluntário que comandava o programa daquele horário, resolveu ler um comercial de loja, ao vivo. Foi o suficiente pra despertar em mim o que me levaria a voltar para lá. No ano de 2011, aos 14 anos de idade, comecei a fazer um programa musical noturno na companhia de um locutor que até então comunicava às noites. Meses depois o mesmo programa foi concedido a mim e, posteriormente, ganhei o horário nobre da manhã. Passei, então, a comunicar todas as manhãs, de segunda a sábado, das 08h00min às 12h00min horas. Você imagina? O horário nobre é almejado por muitos radialistas e agora eu o tinha. Primeiro um programa musical e de entretenimento, depois passei a fazer o papel de jornalista no jornal do meio dia informando de todas as notícias da cidade, região, país e mundo. O programa Show de Sucessos proporcionou um encontro comigo mesma. Todas as manhãs eu levantava da cama, muitas vezes ainda vestida com o pijama, para não perder tempo, e corria até o estúdio improvisado na sala da minha avó para dar início ao programa. “Bom dia, Lindóia!” me acompanhou pelos próximos cinco anos. Foi um tempo de renascimento.

Foi pela rádio que passei a ter identidade própria, deixei de ser conhecida como “a filha do prefeito” para me tornar “a Andressa da rádio”. Não me entenda mal, pai. O maior orgulho da minha vida é ser sua filha, mas o *bullying* de “sem-identidade” me incomodava muitas vezes. Foi difícil abdicar de algumas oportunidades de merecimento e vontade próprias por ter a certeza que iria ser tachada de viabilizada pelo poder patriarca político. Ainda lembro-me de minha professora de teatro – no qual falarei adiante - dizendo: “Ela era a melhor, mas era a filha do prefeito. Se eu desse o papel protagonista iam dizer que estava privilegiando”. Essa foi uma das oportunidades, dentre muitas outras, que perdi. Essa história repetiu-se por oito anos de minha vida. Esses oito anos foram turbulentos, você não acha? Muitas alegrias e conquistas, mas ao mesmo tempo tristezas, fofocas, ameaças. Mas, voltemos. A rádio tornou-se minha libertação. Foi o momento em que aprendi a ser e ver que eu era alguém. Eu fazia um pouco de tudo. Dias atrás ouvi uma entrevista com o locutor Décio Luís ao qual identifiquei minha carreira radiofônica.

Em rádio fiz de tudo. Fui locutor, redator, chefe de reportagem e diretor de algumas emissoras. [...] Sempre fui um apaixonado pelo meu trabalho. Cheguei a passar quatro anos trabalhando sem ter um único dia de folga e, por nove anos consecutivos, trabalhei nas Noites de Natal e da passagem do

ano e fazia aquilo de bom grado, sem me queixar porque trabalhava com prazer. [...]. (TAVARES, 2014 p. 451).

Gravava vinhetas, manipulava mesa de som, fazia contratos, cuidava do financeiro, atendia patrocinadores e não tinha feriados muito menos finais de semana – coincidindo a mesma realidade na carreira artística. E tudo isso pelos bastidores. Digo bastidores porque eu me encontrava atrás da cena. Os ouvintes não me viam nem sentiam, apenas ouviam. Minha voz era o único meio de contato, e ela entrava em cada casa da cidade. Eu estava em todo lugar ao mesmo tempo. "O ator radiofônico não fala, portanto, com uma massa compacta de centenas de milhares, mas com O ouvinte. Ele fala com cada um das centenas de milhares isoladamente" (SCHEFFNER, 1980, p.121).

Fazia companhia para as donas de casa que elaboravam o almoço e muitas vezes pegavam a vassoura para dançar; para os pedreiros que trabalhavam nas construções e cantavam alto para a cidade inteira ouvir; para os vendedores nas lojas que se entusiasmavam ao ouvir sua marca e seu nome; para os padeiros que volta e meia ofertavam pães e bolachas para sortear; para os enfermeiros que ligavam contentes anunciando as altas do dia; para os motoristas que ouviam cinco minutos do programa e logo a interferência chegava pelo fato da cidade ser pequena e já ter dirigido para fora dela; e para os que, antes de viajar, estacionavam o carro no último ponto de sinal para ouvir a última música; para os apaixonados que mandavam recados para seus amores platônicos; para os bêbados que se divertiam jogando baralho nos bares e choravam cantando músicas de traição; para as crianças que brincavam de imitar a locutora; para as noveleiras que esperavam aflitas o momento da sinopse do capítulo da noite; para os adolescentes que não saíam de casa porque o horóscopo do dia dizia que pegaria um resfriado; para as senhoras que ajoelhavam em frente ao rádio para fazer a oração; para os amantes da cozinha que corriam buscar uma folha de papel que rasgavam da parte em branco que sobrava da lista telefônica a fim de anotar a receita de um prato novo; para os consoladores de plantão que esperavam as notas de falecimento; para os aniversariantes do dia que ligavam o rádio na primeira hora para receberem suas felicitações e ouvirem a mesma música de parabéns repetida; para os senhores que silenciavam a televisão para saber as notícias da região; para os agricultores que, esperançosos, esperavam pelo anúncio do aumento do preço do leite ou dos sacos de milho; para os produtores de frangos, porcos e vacas que colocavam o despertador para tocar na madrugada porque o caminhão chegaria para alojar os pintos no aviário, os suínos tratados seriam carregados para a cidade, o leiteiro buscaria os tarros de leite ou a



ração que seria descarregada; para os saudáveis que preparavam todos os chás indicados pela dica de saúde; para centenas de pessoas, que podiam não fazer ideia de como eu era, mas sabiam de cor meu timbre de voz. Fazia companhia para outra Andressa que renascia.

O rádio está na cabeceira do presidente da república, em forma de rádio relógio, nas salas de estar, nos escritórios, nos restaurantes, nos postos de gasolina, como também está pendurado no ramo adejante do pé de café do lavrador humilde e analfabeto e à sombra das laranjeiras que desabrocham nas mãos dos chamados boias-frias, em forma de rádio de pilha; está no leito do enfermo e no carro que leva o cirurgião para a primeira operação do dia, nas celas dos segregados pela sociedade, que pelos minúsculos aparelhos encontram lazer e divertimento nas madrugadas. (TAVARES, 2014, p.157).

Acordava todo dia disposta a falar com pessoas que sequer conhecia. Apertava um botão e o meu mundo de imaginação se inaugurava, dia após dia. Imaginação. Imagens que se formavam distintas e potentes a todo o momento, por mim e pelo meu ouvinte. Eu o imaginava de todas as maneiras, como se o pudesse enxergar por entre uma brecha das fiações do rádio. [...] Não havia rádio de pilha. Os receptores eram enormes e só havia um em cada casa. A dona de casa aumentava o volume do rádio, que ficava na sala de jantar e ouvia o rádio enquanto cuidava dos afazeres. [...] (SALVADOR, 2010, p.44). Criava figuras mentais. Ele ali, sentado numa cadeira de balanço, costurando uma colcha de retalhos, ajudando o filho a fazer a tarefa de casa, escrevendo uma carta de despedida, tomando chimarrão com as amigas, ou até mesmo via que ele nem se interessava pelo rádio ligado. Ele, o ouvinte, me imaginava de todas as formas. Como seria aquela moça desenhada apenas pela voz. Uma voz às vezes grossa, outras rouca, fina, ora triste, ora alegre. “Leitura firme, clara e descontraída; vozes graves, aveludadas, inflexões cadenciadas e moduladas, num timbre macio e sensual...”. (TAVARES,2014, p.345). Sim, sabe quando eu disse que a mãe tinha o poder de me decifrar apenas ouvindo minha voz ao telefone? (Inclusive, desde aqui essa comunicação sonora despida de imagem já se dava). Pois é, os ouvintes possuíam esse mesmo poder. Eles me conheciam ao ponto de compreenderem os dias em que minha fala apresentava tons mais baixos e, incrivelmente, sabiam que a tristeza me consumia. E olha que eu tentava esconder! Esse era um grande desafio. Por mais difícil que era acordar naquela manhã e sorrir, eu necessitava alegrar aquelas pessoas que também não queriam levantar da cama, mas que me sintonizavam na ânsia de eu poder ajudá-los a superar seu dia sem riso. Tinha a autoestima de pessoas em minhas mãos. Uma responsabilidade sem tamanho: podia levantá-la ou desabá-la de vez.

Em algum lugar, entre o amor e o desprezo, o rádio fez o mundo melhor e menor com suas irradiações espetaculares, ora aflitas nas vozes de repórteres vorazes, ora românticas nas cenas vividas e interpretadas por um elenco dos mais heterogêneos, pelos temas dos mais diversos abordados pelos seus próprios autores, porém com o mesmo objetivo, levando alegrias e tristezas onde suas ondas pudessem alcançar. (TAVARES, 2014, p.185).

O segredo do sucesso das radionovelas consistia simplesmente no fato de que ao ouvinte era permitido tudo imaginar. A interpretação dos atores, a sonoplastia, a contrarregra e o texto levavam o ouvinte a idealizar a cena e om isso aflorar nele fortes emoções: ódio ou amor, ternura ou revolta, amizade ou horror, antipatia ou afeto. (SALVADOR, 2010, p.54).

E assim seguiam-se os dias. Mil oitocentos e oitenta e cinco dias. Por falar em ouvintes, quero aqui lembrar de um, em especial. Ele trabalhava o dia inteiro e estudava à noite. Tinha da mesma forma que eu, a vida das pessoas nas mãos. Porém, todo raro minuto livre que tinha, ligava o rádio do carro e ouvia a voz de sua filha. Ele disse, em tempos atrás, que não a tinha visto crescer, mas a assistia, ou melhor, ouvia, de longe. Ele nunca deixou de vê-la, definitivamente. Aquele que foi o responsável por colocar a Rádio Princesa do Vale no ar, hoje via o fruto de seu amor pertencendo a ela. Eu não poderia retribuir-lhe de outra forma que não participar e fazer funcionar essa sua conquista, pai. De fato, quando hoje vejo a rádio em outras mãos, sinto meu coração despedaçar, como se aquilo fosse parte de ti e eu a deixei partir. Da mesma maneira vejo que ela talvez tenha sido sua no momento mais lindo da sua existência. E foi o suficiente para deixar as marcas necessárias.

Como de praxe, voltei a fugir da linha de raciocínio. Você sempre foi esse ouvinte em especial. Inúmeras vezes ligava para corrigir uma palavra minha dita de forma errada ou passar informações da prefeitura em primeira mão. Vou te falar de um dos momentos mais marcantes para mim. Eu tive o prazer inenarrável (palavra que aprendi contigo) de entrevistá-lo. Você ali do meu lado e eu tentando ser a “Andressa da rádio” e não “a sua filha”. Era engraçado te chamar de “prefeito Adiéerson” e não de “pai”. Às vezes quase escapava da boca, confesso. Afinal, quem tinha a honra de falar com o prefeito da cidade na hora que quisesse? Como nas suas ligações diretas de Brasília, onde eu colocava o telefone numa transmissão ao vivo, você falava e depois de agradecer aos ouvintes que o escutavam e eu, em seguida, desligava os aparelhos da rádio, para que quem te ouvisse fosse apenas eu. Ouvia você dizer que me amava logo depois de me tratar como a locutora que lhe entrevistava. Eu o imaginava desligando o telefone e as lágrimas de saudade escorrendo. Dentre tantas repetidas e inúmeras vezes, nossas entrevistas aconteciam. Eram uns dos dias mais lindos. Eu ali, fazendo perguntas

estritamente profissionais e meus olhos de filha brilhando de orgulho. Desligávamos os microfones e íamos juntos almoçar.

Podemos pensar que o rádio é um cérebro com fios e ligações internas, que possibilita uma gama imaginária constante e infinita. É um corpo eletrônico, que assim como o humano possui, ao invés de veias, cabos, que são tubos compridos que se interligam dando forma ao coração que palpita, e que seriam as batidas do tambor proporcionadas pela música; ao invés de sangue, ondas elétricas, que correm incessantemente pelos cabos; e ao invés da pele, a caixa de madeira, que envolve tudo dentro dela, os cabos e as ondas. É um organismo pulsante, assim como o nosso, que só funciona se todas as peças da engrenagem estiverem em sintonia. É engraçado pensar nisso, não é, pai? Imaginar que aquele velho rádio preto, com tocador de fitas e discos, empoeirado em cima da estante, guarda tanta história. Lembro nostálgica, das fitas que você colocava para tocar aos domingos. Esquentávamos a água do chimarrão enquanto o churrasco assava na churrasqueira. O rádio antigo, que apesar dos chiados ainda funcionava perfeitamente. Uma galeria de fitas com histórias gravadas. Acredito que você esteja com saudades de ouvi-las. Hoje pela manhã encontrei uma boa parte delas que estavam guardadas, escolhi uma para te contar. Irei transcrevê-la tal qual o áudio. Feche seus olhos e imagine estar ouvindo através do nosso velho rádio. Antes disso, respire profundamente e tente não pensar em nada a não ser no que eu direi. Sente em uma cadeira confortável. Agora é o momento de fechar os olhos, lentamente. Você está na área da nossa casa, o sol brilha lá fora, os vidros estão abertos e um vento fresco passa por entre eles. A chaleira começa a chiar, o cheiro de lenha molhada se queimando, o Nick<sup>5</sup> late como quem quer provar o almoço, a chaleira apita indicando a água estar fervendo. A cuia transbordando erva mate e o sino da igreja tocando. É hora de tomar o chimarrão. A mãe pega a cuia, a enche, serve para você, e liga o botão do rádio. A fita já está dentro, ela foi escolhida a dedo durante a semana. É um dos nossos contos preferidos. A mãe senta entre nossas cadeiras, o Nick deita embaixo dela. Está preparado? A nossa história vai começar.

Você ouvirá agora: A História da criação do Rádio. Ano de 1892. A bela cidade de Porto Alegre amanheceu chuvosa, mais um dia. A capela do centro da cidade abria suas portas para mais um dia de fé. Atrás do pequeno altar, vestido de uma túnica longa branca, um homem com seus trinta e poucos anos de idade. Possuía cabelo escuro com

---

<sup>5</sup> O cão da família.

duas grandes entradas, o que fazia sua testa parecer mais larga. Seus olhos eram pouco caídos. Um nariz avantajado e lábios finos. Era branco como neve. Sua magreza podia ser facilmente confundida com anorexia. Em cima da mesa, cálices de vinho e uma bíblia. Ao lado, escondido de baixo dela, uma bolsa marrom pequena, dentro dela, livros sobre cultura, química, física, filosofia e ciência. O homem chamava-se Roberto Landell de Moura. Um sacerdote com veias científicas. Ele rabiscava com um lápis freneticamente as últimas páginas da bíblia.

Tenho a consoladora esperança que em breve, minha obra científica brilhará como o sol do meio-dia... e outros inventores mais afortunados do que eu irão descobrindo meus próprios inventos. O que desejo é que o fruto dos meus estudos se traduza em proveito da glória da minha Pátria Brasileira... E... em holocausto a Deus supremo que me inspirou e iluminou... (TAVARES, apud MOURA, 2014, p. 198)

Ele não conseguiu finalizar a frase, pois um fiel adentrou a porta e ele teve que fechar a bíblia, imediatamente. Após exercer suas funções sacras para com o fiel, pegou sua bolsa marrom e entrou com ela na sacristia, o lugar onde ficam guardadas suas vestes, cálices e demais equipamentos utilizados durante as celebrações. Sentou em sua cadeira de braços dourados, pegou a bolsa em seu colo e a abriu. De lá retirou um estojo com alguns materiais e começou manipulá-los. Neste mesmo dia o mundo passaria a conhecer o que chamamos de rádio. “[...] utilizando uma válvula amplificadora de sua invenção e fabricação, com três eletrodos, transmitiu e recebeu a palavra humana através do espaço. [...]” (TAVARES, 2014, p.200). Uma nova era da comunicação surgia.

Segundo suas convicções, podia comunicar-se com outra pessoa a quilômetros de distância sem utilizar-se de fios, valendo-se apenas de uma válvula transmissora que, dentro de todo o contexto, era capaz de transformar a voz em sinais e os sinais em voz. [...] (TAVARES, 2014, p. 205).

Como era de se esperar, Landell foi considerado um herege, um homem que pregava a palavra divina e mexia com seres extraterrestres pra poder criar tal feito.

[...] “Excelência, o tal padre é positivamente um doido varrido, um maluco a tentar impor ideias totalmente descabidas. Imagine que esse impostor de saias chegou a garantir que dentro de alguns anos, o homem através da ciência estará comunicando-se com outros planetas, outros mundos via satélite...”. (TAVARES, 2014, p. 224).

E assim foi durante o restante dos anos de sua vida. Lutou a vida inteira para o seu reconhecimento, o que só fora feito após a chegada de sua morte. Era 1928, num quarto frio no alto inverno do sul do Brasil, vendo através da janela as folhas verdes

umedecendo pelas gotas geladas, Roberto Landell de Moura padecia e ninguém pensava que sua invenção tão apedrejada, seria um invento que transformaria as gerações futuras por longos anos. Suspirou, e fechou os olhos para sempre. Você acabou de ouvir: A História da criação do Rádio.

Pode abrir os olhos, pai. Lembra-se dessa história? Ouvimo-la por muitas vezes, e discutimos felizes em todas elas a coincidência do inventor do rádio ser nosso conterrâneo.

Agora volto ainda mais no tempo. Vou falar de teatro. Ah! Quem diria que eu realmente levaria a sério a coisa de ser atriz? Adentrei nesse ramo desde muito pequena. Mal sabia falar e já decorava textos. E a prova que você, pai, está em tudo é que também, além da rádio, foi você que me proporcionou o teatro. À frente da prefeitura ele contratava profissionais que vinham oferecer arte às crianças e jovens de Lindóia. E dentre elas, estava eu. Com o cabelo cheio de cachinhos. Uma criança que ainda não havia tido seus poderes imaginários podados pela sociedade. Criava. Criava tudo que imaginava e mais um pouco. O teatro conseguiu deixar a minha imaginação viva. “Roberval era um cara legal, não fazia nada de errado afinal...”. Até hoje me lembro dessa fala. Uma das minhas primeiras peças de teatro. Falar isso era tão chique... E você sempre esteve ali, na primeira fileira da plateia. Você, de mãos dadas com a mãe, como dois anjos brilhantes que desfocavam o restante do público. Aproveitando a deixa, quero aqui deixar claro: tudo o que faço em minha vida foi, é, e sempre será por e para vocês. Inclusive, é tão doloroso não te ver na plateia hoje. Mais dolorido ainda é saber que você não foi só para uma reunião importante e não pode comparecer, mas que na próxima estará... Ou talvez essa tenha sido a reunião mais importante que você já tenha ido. É, pode ser. Estavam esperando você chegar para começar. A reunião não aconteceria sem essa presença ilustre. Boa reunião, pai! Hoje, antes de cada apresentação, eu faço minhas orações e dedico o espetáculo a você e à mãe. Todos serão assim. Saiba que toda vez preciso retocar a maquiagem antes de entrar em cena. Tornou-se meu ritual. Na verdade, sei que você está me assistindo de camarote. Deve ser uma visão incrível daí de cima! Enfim... O teatro surgiu para mim desde o princípio. Ali, naquele momento, começou a outra parte da reinvenção de Andressa. Aliás, muito tempo antes da rádio isso já vinha acontecendo. Falo de reinvenção pelo fato que citei anteriormente sobre a minha perda de identidade. Lembra-se da fala da professora sobre ser boa, porém era a filha do prefeito? Pois é, eu não liguei pra isso. Por isso hoje estou aqui. Engoli e encarei como um elogio. A filha do prefeito hoje também é a “Andressa

do teatro”. Aquela menina um dia sonhou e imaginou ser uma atriz. Imaginou estar numa cidade grande, fazendo teatro, se profissionalizando, e hoje ela o é.

Mas você já sabia de tudo isso que eu contei, não é? Não tem problema, eu vou falar durante a minha vida toda. Agora vou voltar a comentar sobre meu dilema inicial. Conte para você que chegou o momento de escrever o meu Trabalho de Conclusão de Curso. É, você escreveu um há pouco tempo, sabe o que estou passando. Aliás, queria ter a sua capacidade e da mãe de escrever facilmente. Quero te contar um segredo: Sorria, você está no meu TCC! Pois é, tudo isso que te contei, ou melhor, lembrei, está fazendo parte da minha pesquisa. A rádio, o teatro e você. De início, eu queria falar de algo que estivesse presente e juntasse as minhas duas profissões (agora posso falar isso, olha que chique!): radialista e atriz. Bingo! Radioteatro! Uma linguagem que utiliza do rádio e do teatro. Como um filme passando em minha cabeça: Quantas vezes ouvia o *nono*, a *nona*, a vó e o vô (essa ideia de diferenciar os avós paternos dos maternos sempre me ajudou) contando, saudosos, da época em que as radionovelas eram transmitidas. Posso até imaginar... O rádio era o único meio de informação que existia, o único contato com a mídia. O *nono* e o vô tinham que abdicar de ouvir seu jogo de futebol da quarta feira pelo capítulo da “Em Busca da Felicidade”. Será que Anita Medina vai descobrir que Carlota é amante de Alfredo? Era a indagação que pairava toda a janta daquela noite. Eis que a voz grave e há tempos modificada pelo uso contínuo do tabaco anuncia: “Vocês ouvirão agora: Em Busca da Felicidade!”. Era um silêncio absoluto. A vó entregava uma boneca pra mãe se entreter e não chorar, a *nona* dava um carrinho para o pai, e assim paralisavam durante os próximos vinte minutos. Ninguém podia falar durante, muito menos mudar frequência. Era briga na certa. O máximo que podia se fazer era esquentar um chimarrão, cozinhar uns pinhões, mas tudo isso muito tempo antes. As cadeiras em torno do rádio velho ligado. O chiado às vezes deixava as palavras incompreensíveis. Mas o que realmente nos interessa é que Anita Medina descobriu que Alfredo tem uma amante. Era um desespero só. Agora só quarta feira que vem saberiam se Anita perdoaria Alfredo. Como viver uma semana inteira de espera? “Quanta angústia!”, dizia a vó. E ela nem sabia o que lhe aguardava.

Na outra semana descobriria que Anita, a traída, era amada secretamente pelo Doutor Mendonça. Ih! Acho que isso não vai acabar bem! Pense comigo: Ali não se tinha imagem, nem cor. Apenas se ouvia. Como eu, fazendo meu programa na rádio, lembra? Ouvia-se uma narrativa e através dela criavam-se imagens. Cada pessoa criava uma imagem diferente,

[...] já que pelas ondas do éter ouve-se apenas o som que se propaga pelo espaço, ficando por conta da imaginação de cada ouvinte a corporificação das imagens, que variam ao sabor da fantasia de cada um... Essa é a força do rádio... (TAVARES, 2014, p.335-336).

A *nona* imaginava Anita alta, cabelo preto liso, com um laço de fita na cabeça e um vestido longo vermelho. A *vó* pensava ela ser baixa, cabelo cacheado, um chapéu grande na cabeça e uma blusa preta com saia cheia de borboletas. O *nono*, sempre chateado com a perda do futebol, rendia-se à imaginação: Alfredo tinha pinta de jogador. Camisa do Brasil, uma bota sete léguas, e cabelo raspado. O *vô* dormia sentado atrás da caixa de lenha muitas vezes durante a transmissão, mas sonhava com o que ouvia: para ele, Alfredo tinha era pinta de galã. Camisa de gola polo, um sapato com espora, e cabelo longo. Agora... A megera da Carlota, ah! Para a mãe, ela era a boneca que a *vó* dava para brincar. E para o pai, a piloto do seu carrinho. A imaginação fluía. Cada indivíduo produzia uma novela em sua mente completamente diferente da do outro, ainda que com a mesma história. Milhares de imagens que se criavam dia após dia. Elas, inclusive, podiam mudar. A *nona*, certa vez, pensou Anita ter cabelo crespo, pois em uma das falas ela disse que não conseguia pentear. As radionovelas, pois, eram produzidas por pessoas que, unidas atrás de um microfone, liam um texto dramático e interpretavam dando as devidas intenções. Os efeitos sonoros eram feitos manualmente. Um trovão era feito pelo balançar corriqueiro de uma placa de metal. O cavalgar do cavalo eram as batidas das mãos, uma seguida da outra. A chuva era fricção leve pontuada dos dedos. O *vô* certa vez acordou e foi fechar as janelas da casa para não molhar. “O contrarregra tinha uma caixinha de fósforos que ele aproximava do microfone e raspava com um pente, caricaturando a navalha passando no rosto do freguês-vítima [...]”. (SALVADOR, 2010, p.37).

E não foi só o *vô* que imaginou tanto que achou ser real. Olha só o poder da nossa imaginação. O radioteatro tinha um potencial artístico tão forte que os rádio-ouvintes pensavam ser realidade, tamanha capacidade mental exercida pelo imaginário.

É por ela [pela imaginação] que passa a doação do sentido e que funciona o processo de simbolização, é por ela que o pensamento do homem se desaliena dos objectos que a divertem, como os sonhos e os delírios que a pervertem e a engolem nos desejos tomados por realidade. (DURAND, 1984, p. 37)

Estava lendo o jornal, dia desses, e encontrei uma página de crônicas, dá uma olhada:

Em determinado capítulo de uma novela, a heroína ficava grávida (a personagem, e não a intérprete) e deveria dar à luz em condições das mais precárias, uma vez que a ação assim se configurava no texto. Vejam o resultado: um grupo de senhoras da sociedade local, penalizadas com a situação da nossa heroína, confeccionou, preparou e remeteu à emissora, onde o drama era apresentado, um enxoval completo (casaquinhos, sapatinhos de tricô, fraldas, etc.) para a criança que ia nascer. Quando outro personagem muito querido na história, morreu, outro grupo de ouvintes mandou rezar a missa de sétimo dia, por intenção de sua alma. (TAVARES, 2014, p. 256).

Você já está cansado? Sinto que contando histórias, nossos corações e pensamentos parecem ficar mais perto. Vasculhando meus materiais escolares antigos encontrei um livro. Notei ser o primeiro que você me presenteou. Hoje possui umas páginas de cor amarelada pela ação do tempo e algumas dobras nas pontas causadas pelo meu descuido. Abri na página marcada por um pedaço de papel de bula de remédios rasgada. Recebia como título: O que é Radioteatro?. Para melhor explicar, a escrita era feita em formato de texto dramático radiofônico, incluindo onomatopeias e descrição dos sons a serem feitos pelos radioatores, levando o leitor ao conhecimento da linguagem por meio do texto escrito:

Caros ouvintes da Rádio TCC, num oferecimento das “[...] Pílulas de Vida do Doutor Ross – fazem bem ao fígado de todos nós... [...]” (TAVARES, 2014, p.256) passamos a apresentar: “O que é Radioteatro?”, inspirado nas obras de Reynaldo C. Tavares, Roberto Salvador e Mirna Spritzer. Desejamos a todos uma ótima viagem imaginativa. “[...] Radioteatro: o gênero que é a dramaturgia radiofônica, o espaço cênico auditivo, compreendendo todo tipo de texto dramatizado encenado. [...]” (BLOIS, in SALVADOR, p.18) – ator fala por intermédio de um megafone. Blois recita essas palavras enquanto deixa a água fria do chuveiro XUUUUUUUUU – som vocal entoando a consoante xis, lembrando água em queda - cair sob seu corpo quente. Uma cena textual que não pode ser lida, – som de uma página de livro sendo virada – e nem vista, apenas ouvida e imaginada. Uma trama teatral que utiliza o rádio como palco CLAPCLAPCLAP – som de uma mão batendo contra a outra rapidamente, lembrando aplausos.

Se no início foi uma tentativa de trazer a base estrutural e a oralidade do teatro para o rádio, logo o gênero ganha personalidade e vida no novo meio, cria linguagem própria seja na maneira dialógica da narração e na forma interpretativa da cena, seja na construção de seus elementos sonoplásticos e ruídos ambientais. [...] (BLOIS, in SALVADOR, p.19).

FUUUUUUUU – som de expiração do ar, feita pela boca em formato de U, lembrando o vento. Ela ensaia seu discurso enquanto ouve o som dos trovões



anunciando uma tempestade próxima CABUUUUM – som de uma lâmina de alumínio sendo chacoalhada, lembrando trovões, e som dos dedos das mãos batendo sob uma mesa, de forma intercalada e rápida, lembrando a chuva. Sem mais delongas, prossegue.

[...] Nas passagens de cenas e integrada a elas incorpora a música, construindo novos espaços imaginativos no ouvinte. O gênero se consolida, agrada, dá a cada um a liberdade criativa de ser coautor da história! Seus personagens e os ambientes por onde transitam mocinhas e vilões, heróis e coadjuvantes são criações únicas, e são tantas e diversas quantos sejam os ouvintes do radioteatro! Não há cenários a ver nem rostos a conhecer, só vozes e descrições ambientais, no mais é com o poder imaginativo de cada um, sua identificação com alguns dos personagens, seus referenciais de vida, sua liberdade de voar... E aí está o mistério do rádio, o charme do rádio, a magia do rádio! (BLOIS, in SALVADOR, p.17-18).

Você acabou de acompanhar mais um capítulo da radionovela: “O que é Radioteatro?”. Na próxima semana, neste mesmo dia, horário e frequência, acompanhe mais um desfecho emocionante dessa história. (Li isso enquanto tomava um café e sentia o cheiro de mofo contido nas páginas do livro).

Radioteatro. Rádio + Teatro. Uma junção de linguagens que propagam cultura, informação e arte. Histórias dramatizadas escritas especialmente à transmissão radiofônica, possibilitadas de serem lidas e interpretadas por radioatores, e sonorizadas com efeitos produzidos de forma manual e artesanal. De fato, é válido ressaltar que muitos atores e atrizes de teatro reconhecidos nacionalmente tiveram sua iniciação e seu primeiro contato com a dramaturgia da cena e do texto dentro das cabines dos estúdios das rádios, interpretando personagens que eram desenhados imaginativamente através de suas vozes transmitidas por microfones. A voz faz presente o cenário, os personagens e suas intenções; a voz torna sensível o sentido da palavra, que é personalizada pela cor, ritmo, fraseado, emoção, atmosfera e gesto vocal (SILVA, 1999, p.54). A ânsia de falar desse processo partiu das saudosistas declarações dos meus avós ao lembrar dos tempos em que o único meio de comunicação e informação possível era o rádio. As tardes de conversa longa sempre culminavam numa chamada radionovela. O que viria, mais tarde, com o surgimento da cena visual, a conhecida televisão, transformar-se nas famosas telenovelas, que se distinguiam, apenas, pelo fato de serem visualizadas, além de ouvidas. Diziam acompanhar, pressurosos, todos os capítulos que eram transmitidos semanalmente contando a história de uma ruma de personagens com seus problemas, paixões e clímax. Ainda insistiam em salientar as sensações provindas do ato de ouvir e imaginar como seriam aquelas figuras visuais. Entramos, assim, no fato da

individualidade do ser humano, onde cada um, distintivamente, possui vivências e experiências únicas, desta forma, uma mesma história era imaginada de infinitas maneiras, e é exatamente esse o nosso ponto crucial. Uma mesma história poder ser criada diversas vezes e com diversas formas, cores, cheiros e sabores.

As associações nos levam para o mundo da fantasia (não necessariamente a ser identificado com devaneios ou com o fantástico). Geram nosso mundo de imaginação. Geram um mundo experimental, de um pensar e agir em hipóteses - do que seria possível, nem sempre provável. O que dá amplitude à imaginação é essa nossa capacidade de perfazer uma série de atuações, associar objetos e eventos, poder manipulá-los, tudo mentalmente, sem precisar de sua presença física. (OSTROWER, 1977, p. 7).

Permito-me esclarecer a pergunta que provavelmente está pairando em sua mente. Já reiterei que radioteatro se define por ser qualquer representação teatral através do rádio. Radionovela nada mais é que o radioteatro em capítulos. Portanto, toda radionovela é radioteatro, mas nem todo radioteatro é radionovela. “Como as obras eram extensas e não cabiam em um só programa, apelava-se para o ‘continua na próxima semana’, de modo que isto aumentava ainda mais a curiosidade dos ouvintes”. (SALVADOR, 2010, p.33).

O surgimento da linguagem do radioteatro dentro dos estúdios radiais brasileiros se deu em etapas. De início, os textos teatrais eram adaptados ao rádio, depois passou a reunir dramaturgos e escritores que escreviam textos voltados especificamente à linguagem radiofônica. “[...] Peças eram ligeiramente adaptadas para o rádio da seguinte forma: o roteirista lia a peça de teatro e ia assinalando os pontos que deveriam ser suprimidos. [...]” (SALVADOR, 2010, p.32). “[...] Não confundir com teatro pelo rádio. Rádio-theatro quer dizer: peças especialmente escritas para o microfone, com apreciável propriedade sonora. [...]” (SALVADOR apud ZARUR, p.43). Primeiro, o texto era lido de forma branca, termo em que utilizamos no teatro, que significa sem interpretação intencional. Com o passar do tempo, as necessidades de melhoras foram surgindo. Os radioatores - maneira como denominamos os atores que interpretam as histórias dramáticas no rádio – passaram a se profissionalizar e pesquisar maneiras outras de tornar realidade um estímulo auditivo. “[...] o ator convida o ouvinte a mergulhar para dentro de seu próprio mundo. Quem escuta, encontra no outro que fala reflexos de si mesmo, pois, pela voz do ator, encontra o acervo de imagens da memória, de um tempo-espaço subjetivo”. (SPRITZER, p.2). Neste mesmo encaixe, a sonoplastia teve sua primeira aparição dentro da linguagem do radioteatro.

[...] Amaral Gurgel, que se notabilizou por ser um dos pioneiros do radioteatro, fez parte do grupo que deu a grande guinada e colocou os atores para interpretarem diante do microfone e não se limitarem apenas a ler os scripts adaptados. Aos poucos foram se colocando músicas orquestradas, especialmente selecionadas, as quais serviam de fundo para as falas e traziam mais emoção ao texto. Depois se sentiu a necessidade de introduzir passagens musicais. Elas serviam para mostrar ao ouvinte que a cena agora era outra. Os ruídos da contrarregra surgiram porque era preciso indicar para o ouvinte o que estava acontecendo na cena, sem que necessariamente tivesse que se dizer. Por exemplo, se uma pessoa estava numa sala e chegava outra, os passos se aproximando indicavam a cena. Os atores foram buscando posições diante do microfone e entonações para dar profundidade à voz e indicar ao ouvinte se ele estava perto ou distante. Assim, os passos do contrarregra se aproximavam do microfone e o ator fazia o mesmo. O ouvinte entendia, então, que esse personagem estava chegando da rua, por exemplo. Aos poucos nascia a linguagem do radioteatro... Surgiram os radioatores! (SALVADOR, 2010, p.32-33).

Substancialmente, uma linguagem que se vale apenas da audição, requer um estudo preciso quanto ao aperfeiçoamento dos elementos que necessitam ficar cada vez mais minuciosos. Pesquisar a entonação certa para cada fala, de maneira que não transmita a informação equivocada da cena, a distância correta do microfone para um sussurro ou grito, e o estudo das próprias ferramentas e objetos que precisavam ser exploradas a fim de notar os possíveis ruídos que permitiam ser por elas feito. “[...] um beijo mais demorado com os atores inspirando e em seguida prendendo a respiração por dois segundos e expirando juntos. Esse era o beijo ‘cinematográfico’ através do rádio.” (SALVADOR, 2010, p.52).

Define-se radioteatro como qualquer representação teatral através do rádio. A partir de determinado momento, as emissoras começaram a arregimentar atores e introduzi-los na linguagem radiofônica. As técnicas de representação, transmitidas pelos diretores mais experientes, fez surgir a figura do radioator e assim as emissoras puderam suprir seus elencos e aumentar cada vez mais as dramatizações através do rádio. (SALVADOR, p.41-42).

Pai, você ainda está aí? O que você acabou de ler foi um texto que encontrei dobrado dentro de uma página de plástico de um dos nossos álbuns de fotos de família. Como sei que em meio aos seus discursos divinos costuma ler materiais diversos, resolvi compartilhar contigo. Esse conteúdo soa familiar pra você, não? As noites de sua infância deviam ser embaladas por esse texto em forma de som. Imagino quantas vezes teve que abdicar o jogo do Brasil para escutar os capítulos de “Em Busca da Felicidade”. Sei que Carlota, a megera da radionovela, era a piloto do seu carrinho de madeira. Como você a imaginava naquela época? E hoje? O que ela está vestindo? Seu cabelo mudou? E Alfredo ainda está com ela? Ele ainda usa aquelas botas de *cowboy*?

Com certeza esses personagens não são mais os mesmos dentro de sua mente, quase 40 anos depois.

Por isso eu sou tão fascinada pelo rádio e pelo teatro, pai. Ambos são minha fonte de alimentação psicológica, mental e espiritual. A ligação das duas linguagens dando vida ao radioteatro ou ao radioteatro em capítulos, a radionovela, nada mais é que uma aliança cultural que possibilita um exercício criativo imaginativo poderoso. Talvez seja um dos estímulos que as pessoas necessitam em dias atuais. Estamos caminhando em uma estrada sem volta, de pedras, buracos, e cimento, onde não se pensa mais, não se cria, nem imagina. A influência digital utilizada equivocadamente por instituições de poder e comércio tem contribuído para que o ser humano se torne uma máquina programada e controlada apenas para o “sim” e para o “não”. A opção de questionar é tragicamente descartada. O senso comum tem sido muito mais cômodo e fácil. Quando não se contraria não há desgaste, porém não há mudança. As crianças têm suas asas podadas com uma ferramenta mais cortante que a tesoura, a censura. Sua facilidade de pensar, agir e imaginar é absurdamente escondida pela sociedade, a fim de criar seres automáticos produtores de lucro para um exército de estátuas humanas. Com a chegada da televisão, o rádio acabou perdendo força dentro das casas, e com a consequente criação das telenovelas – textos escritos para a televisão, com a possibilidade de visualização das imagens encenadas – o radioteatro acabou se extinguindo, aos poucos. De início, ele foi somente transferido para a caixa visual eletrônica. Não diferente deste cenário, a plateia, frente aos palcos teatrais, também se esvaiu devido ao fato do surgimento da imagem falada, a televisão. As cadeiras destinadas ao público esvaziavam-se e eram substituídas pelos sofás em casa.

No Brasil, o rádio inspirou-se, no seu nascimento, nos espetáculos circenses, e a televisão, na continuidade do próprio rádio, tanto é verdade que os primeiros programas da televisão brasileira eram programas radiofônicos televisados. (TAVARES, 2014, p.488).

Atualmente, alguns vestígios do radioteatro ressurgem em certas estações de rádio brasileiras, mas com a influência televisiva pouco se é divulgado. A meu ver, a recriação de radioteatro e radionovelas permitiria a volta de um ser humano mais crítico, pensante, criativo e imaginativo. “Consideramos a criatividade um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades.” (OSTROWER, 1977, p. 1). Ainda neste contexto, lembro-me de uns rabiscos feitos por mim há um tempo, numa das páginas do meu diário: Entendendo que o poder proporcionado pelo

imaginário está petrificando-se no museu mental e que os sentidos humanos estão sendo enjaulados com a necessidade incessante de seres altamente racionais, robóticos e insensíveis, vejo no radioteatro uma possibilidade de deleitar a subjetividade oriunda do potencial imaginário e transformá-la em ludicidade. Você sempre foi a exceção, pai. Essa é a engrenagem que faz com que eu acredite em dias melhores. Um homem que foi um questionador durante todos os dias de sua vida.

Acho magnífico como duas linguagens tão diferentes, que, ao se unificarem os propósitos, configuram-se em uma complementação. Temos, em ambos os casos, uma representação cênica, que se personifica concretamente no espaço físico do teatro ou que se cria imaginativamente no espaço sonoro do rádio. Independente se uma ou outra, as experiências são únicas e equivalem de vieses distintos: um usufrui da contemplação visual, o outro do aguço auditivo. Apesar de canais de recepção diferentes, o intuito é o mesmo: proporcionar uma vivência teatral vislumbrada por texto, personagens, sons e ambientes, que necessitam de um único meio para se concretizarem: o público espectador, que se dá como plateia ou como radio-ouvinte. Está achando confuso, pai? Acredito que meus solilóquios em meio à carta tenham te deixado assim, mas acredite, tudo fará sentido!

O teatro possibilita uma experiência sensorial completa, sendo pelo olfato, paladar, tato, visão e também a audição. O ator de teatro possui um tipo de relação com o palco e público de exigência corporal e vocal, possibilitando alguns tipos de facilidades em determinadas intenções pelo fato do espectador usufruir de uma boa parte dos seus sentidos. Já o ator de rádio, ou radioator, necessita de uma pesquisa outra, também vocal e corporal, porém tendo consciência de que os sentidos do seu radio-ouvinte já não são as mesmas anteriores, pois se limitam à audição, apenas. Desta forma, princípios vocais devem ser explorados tendo cuidado com cada entonação feita para dar aquela referida mensagem.

No teatro o ator atinge todos os sentidos do espectador que percebe a cena num olhar total. Desta forma, o espectador apreende as imagens que o ator constrói em si e com seu corpo no espaço, a cada modificação na sua performance. A experiência radiofônica significa, para o ator, uma nova relação com seu corpo que se engaja, num outro nível, à tarefa da representação. E também, uma forma diferente de lidar com a palavra, com o silêncio, com o tempo e com as imagens e a imaginação. (SPRITZER, p.1)

O corpo do radioator também atua assim como o do ator de teatro, porém, a sua potencialidade corporal precisa ser voltada a uma conscientização corpórea a fim de auxiliar a ação vocal que será o meio de interlocução entre ele e o radio-ouvinte. É

necessário um trabalho corporal de modo a tornar a voz também um corpo, ou uma extensão literal dele, assim como já o é.

Ao atuar para ser ouvido, o ator tem como foco seu corpo tornado voz. Suas possibilidades de, através da voz, provocar o imaginário de quem escuta. Em frente ao microfone o ator trabalha com a consciência de que fala em linha direta com o outro, ouvinte. (SPRITZER, p.1-2).

Em virtude dessas condições oriundas da radiofonia, através, única e exclusivamente da voz do radioator, o radio-ouvinte passa a imaginar a forma personificada da figura sugerida pelo ator. É por meio da imaginação que tudo isso acontece. Sua mente busca lembranças e memórias vividas ao longo de sua vida e as traduz em formato de imagem. Por isso cada pessoa faz a sua própria história a partir daquilo que ouve. Igualmente, a imaginação do ator é exercida da mesma forma, tendo em vista que ele necessita também imaginar o personagem e criá-lo em sua mente a fim de poder transmitir para o ouvinte. O processo se dá inicialmente na cabeça do ator para, posteriormente, dar-se na do que o ouve.

Ao atuar, o ator dá forma às suas representações de personagens, gestos, movimentos, sentimentos e ações. Forma esta explicitada no teatro pelo corpo no espaço e no tempo, e recriada no rádio pela voz no tempo. Voz que produz sons, imagens e sensações. Ainda que ausente no olhar do ouvinte, o corpo do radioator se presentifica na visão da imaginação desse ouvinte. A voz do ator, aquele que fala, enuncia um corpo. A imagem construída pelo ouvinte passa por este corpo. São imagens pessoais, não padronizadas, que refletem a forma como cada um, que ouve, as produz. Também o ator desenvolve a sua imaginação na experiência radiofônica. (SPRITZER, p.2).

[...] Como aponta Azevedo (2002, p.192), ‘localizar no próprio corpo as intenções de um ente ficcional, deixá-las realizarem-se sensivelmente, conectá-las com sua inteireza de artista, são procedimentos que asseguram o surgimento de impulsos dirigidos para a criação e para a ação criativa’. (SPRITZER, p.3).

As ações físicas do teatro são substituídas no rádio por ações sonoras. O som tem corpo. É por intermédio dele que a ação radiofônica, neste caso, do radioteatro, se dá. “Usando as entonações e a voz com habilidade, o radioator conseguia levar até o público emoções, muitas emoções. [...]” (SALVADOR, 2010, p.54). Tanto a voz do ator quanto os sons ambientais produzidos precisam apresentar verdade. “Consideramos que, para o rádio, era necessário suavizar as intenções sem perder sua verdade. Os personagens, a ação, atmosfera não se modificavam. Era necessário encontrar a sua versão radiofônica.” (SPRITZER, p.5). Vimos, anteriormente, muitos casos onde a verdade proposta pelos personagens presentificados pelos atores era tamanha que insistentes ouvintes acreditavam ser realidade aquilo que ouviam. Para eles, a história

era realmente verídica, ocasionando fatos positivos ou negativos, desde a criação de uma linha de produção de casaquinhos para a criança que iria nascer até ameaças de morte ao vilão. Tudo isso acontece devido à realidade sonora provocada pela voz e imaginada pelas mentes férteis de criação dos ouvintes.

No rádio podemos falar em ações sonoras, ou seja, colocar na voz a necessidade de ação do corpo. A voz age pela intensidade, intenção e verdade ao dizer. A verdade do ator é a verdade da ficção, em qualquer veículo. Apartada das possibilidades do visível, a palavra assume a responsabilidade pela ação radiofônica. Acompanhado dos efeitos e dos silêncios que constituem o ambiente sonoro do radiodrama, o ator age nos meandros da sua imaginação para fazer vibrar a experiência interna do ouvinte. (SPRITZER, p.3).

Um fato curioso pode-se pensar. No teatro, tudo que é posto em cena, de uma maneira genérica, e que é passível de visualização, é, de fato, algo concreto, que existe e que está ali presente, mesmo que não fale ou explique algum tipo de som. Já no rádio, o personagem que não fala simplesmente não existe, pois ele só é real a partir do momento que se personifica em formato de som ou voz, caso contrário, aquilo que não se ouve ou se vê, como no teatro, não há como ser imaginado. “[...] O personagem não muda porque é radiofônico, o que se transforma é a maneira pela qual suas características tornam-se visíveis. Ou audíveis. Até porque no rádio só existe o personagem que age, ou seja, fala ou produz algum tipo de som.” (SPRITZER, p.5). Tenho dois conhecidos que comentam genialmente esse pensamento. O primeiro deles, meu amigo de infância, Eduardo Meditsch que diz que “A existência do som depende de um movimento e sua simples presença indica que algo se move ou modifica”. (MEDITSCH, 2001, p.157). O segundo é o homem que sentou no assento ao lado do meu numa das longas viagens de ônibus, Arnheim é o nome dele. “A ação é algo que pertence à essência do som, o que faz com que o ouvido seja capaz de determinar mais facilmente uma ocorrência do que uma situação”. (ARNHEIM, 1936, p.95).

Contudo, levando em conta minha prática como atriz e radialista, penso como é realizada a pesquisa de radioatriz. De fato, muitas percepções precisam ser aguçadas e trabalhadas. Como atriz de teatro, a possibilidade de se trabalhar como radioatriz é um aprendizado para a própria carreira artística, abrindo leques para outras maneiras de se atuar, falar, ler e se expressar.

O primeiro ponto diz respeito ao ouvinte que recebe o trabalho do ator através de um sentido principal que é a audição, ao contrário do espectador no teatro que tem a oportunidade de perceber o ator com seus cinco sentidos. Da mesma forma, no caso da gravação, o produto final do trabalho não se

modifica no contato com o público, ao passo que na presença do espectador de teatro o produto da se transforma a cada momento. Nesse caso podemos salientar que sempre que se atua ao vivo, essa possibilidade acontece. (SPRITZER, p.5-6).

Devo aqui confessar uma paixão ao microfone. No radioteatro é ele o cerne para que tudo aconteça. Posso dizer que o corpo do ator teatral é o microfone no rádio. O corpo é o meio de troca do ator ao espectador e o microfone é o meio de troca entre o radioator e o ouvinte. É por ele que o som transpassa e chega até os ouvidos daquele do outro lado. Para uma ação teatral, o espectador necessariamente precisa estar naquele espaço-tempo para poder participar. Na ação sonora teatral do rádio o ouvinte está em qualquer outro espaço-tempo que não aquele em que se dá a atuação. Se não houver um instrumento que os interligue, não existiria a mínima possibilidade do rádio, tanto quanto o radioteatro existirem. Por isso o microfone é tão essencial. É ele que possibilita milhares de pessoas estarem no mesmo lugar, ao mesmo tempo, apesar de em espaços diferentes. E ele necessita ser um objeto de estudo minucioso dos artistas de rádio.

O envolvimento emocional do ator, na atuação radiofônica concentra-se na expressão vocal que deverá assumir o estatuto que tem o corpo na experiência teatral. A mobilidade do corpo no teatro é livre e só depende da marcação determinada pelo desenho da ação em cena. No rádio, o corpo depende diretamente das condições do ou dos microfones para sua mobilidade. A pesquisa tem comprovado, porém, que seu engajamento na ação sonora é decisivo para uma melhor interpretação, devendo estar alerta, presente e ativo. A ação na cena radiofônica se dá através do som e portanto deve ter o ritmo da imagem mental que substitui o movimento físico da ação. A cena teatral tem liberdade de ritmo pois dispõe da ação concreta. No palco do teatro a voz do ator, a princípio, não passa por nenhum meio intermediário de emissão e no rádio o microfone é o instrumento de transmissão. (SPRITZER, p.6).

Finalizo mais um de meus solilóquios dizendo que:

Falar ao microfone dá a voz o estatuto de um corpo que ocupa o espaço e se apropria do tempo. E ao ouvinte a oportunidade de entregar ao outro a tarefa de conduzi-lo pela viagem da escuta. Atriz apaixonada pelo rádio que sou, penso que "O ator radiofônico deve, portanto, moldar o seu papel a partir de seu próprio mundo imaginativo interior, até transformá-lo em experiência interna, que se traslade para as vibrações da palavra" (SCHEFFNER, 1980, p.122).

É essa a sensação, pai. E sei que de alguma forma você também sente ela daí. É preciso retomar a ludicidade da imaginação que outrora habitou as mentes humanas que se ocupavam com sonhos e não só com o concreto dos prédios. O teatro e o rádio estão para esse propósito, e unidos, transfiguram-se em uma linguagem imaginária de potencial nato que hoje é praticamente extinta. O radioteatro proporcionou belas



histórias há anos e que estão sendo contadas até hoje. O que nos resta ainda é apenas imaginá-la de uma forma que um dia ela foi. Toda dramaturgia teatral e radiofônica existem com intuito de provocar, questionar, fazer imaginar e principalmente implantar cultura. Que imaginemos dias melhores onde as pessoas dialoguem sobre paz, onde os telejornais mostrem comemorações e que a pureza sonhadora da criança reviva de dentro de cada um. Falar ao microfone ou falar ao público é um instrumento transformador. Tanto o ator, radioator, espectador e ouvinte são indivíduos que anseiam por arte e veem nela um refúgio, como se uma porta pudesse ser aberta a qualquer momento e nos fechasse lá dentro por algumas horas e os problemas ficassem trancados do outro lado. Por isso eu faço arte, pai. Já que não posso resolver os problemas das pessoas, mas refugiá-las por pelo menos uma hora do seu dia, dentro de uma porta-palco ou uma porta-caixa. É de uma motivação incontestável ouvir um espectador dizer que aquele espetáculo o fez refletir, quando um ouvinte telefona e diz que seu programa é a única companhia do seu dia, ou quando um aluno diz que quer fazer teatro depois de suas aulas. É por esses e por outros motivos que escolhi ser artista, que escolhi ser radialista, e que escolhi ser arte-educadora. Poder, em meio à tempestade, ser o ponto de fuga, por meio do teatro, do rádio, da educação, da arte.

Como atriz, torno minhas, vozes e palavras que, à frente do microfone, se multiplicam em imagens e gestos. O que me move e me seduz é a sensação da atriz ao microfone, o prazer de colocar na voz todas as possibilidades do corpo, a emoção de sussurrar ao ouvinte, a provocação de falar a muitos e a cada um. (SPRITZER, p.3).

Atriz apaixonada pelo rádio que sou, penso que "O ator radiofônico deve, portanto, moldar o seu papel a partir de seu próprio mundo imaginativo interior, até transformá-lo em experiência interna, que se traslade para as vibrações da palavra" (SCHEFFNER, 1980, p.122).

É por isso pai que hoje eu venho agradecer-lo. Sem seu empenho em conseguir cursos de teatro e uma rádio comunitária para Lindóia eu jamais estaria escrevendo essa carta. Obrigada pelas noites em que você e a mãe passaram estudando para que eu pudesse permanecer aqui. Obrigada pelos choros contidos, pelas palavras não ditas. Obrigada pelo amor, pela irmandade, pela cumplicidade. Obrigada pelas oportunidades. Obrigada pelas viagens. Obrigada pelos discursos. Obrigada por sempre estar presente mesmo achando que não. Obrigada pela coragem. Obrigada por me defender e dedurar quando preciso. Obrigada pelos churrascos. Obrigada pela melhor família do mundo.

Obrigada por esse abraço que me ninou muitas vezes. Obrigada pelos ciúmes de quem achava que iria me tirar de ti. Obrigada pelo cuidado. Obrigada pela casa que me abriga até hoje. Obrigada por ser pai em todos os momentos, mesmo nos que eu não merecia ter um. Obrigada pelo sobrenome. Obrigada pela oportunidade de eu ser sua filha. Obrigada pelo Nick. Obrigada pela mãe. Obrigada por torná-la a mulher mais forte que eu já conheci. Obrigada por amá-la. Obrigada pelos 21 anos. Hoje ela é ela e você, ao mesmo tempo. É uma muralha tão forte que nem sequer o tanque de guerra mais potente consegue derrubá-la, mas também é uma flor meiga que deixa suas pétalas voarem junto do vento quando quiser. É a perfeição em forma de mulher. É a minha fonte de vida e sobrevivência. É a que ficou e permanecerá. Ela é você, você é ela e eu sou os dois. Não poderia ter sido gerada por pessoas tão generosas quanto vocês. Eu sei que ela vai encontrar essa carta escondida dentro de algum móvel da casa, vai ler e ver que seu nome foi pouco citado aqui. Quero aproveitar então para dizer o quanto a amo e a admiro. Ela é a minha escrita diária e o meu livro até o fim da vida. Obrigada também por ter sido sua última ligação. Obrigada por escolher ir por seus motivos. Obrigada pela oportunidade de poder ter te dito as últimas palavras. Obrigada por me deixar dizendo que me amava. Por deixar minha alma leve, ainda que parecesse pesar toneladas. Obrigada por permitir que eu desse o último beijo, ainda que quente. Obrigada por decidir ir cuidar do *nono*, ele devia estar se sentindo sozinho num lugar tão grande e alto. Obrigada por ter sido do jeito que tinha de ser. Sim, eu respeito sua escolha. Embora doloroso, sei que como sábio e ponderado em todas as decisões, aquela foi a que lhe fez sentir bem, e se foi o que escolheu, eu aceito e não a julgo. Talvez seu ciclo recomeçasse bem nessa parte e nada poderia alterá-la. Pensando bem, você ficaria tão frustrado em fazer parte do mundo hoje que certa parte de mim respira tranquilamente em ter te tirado disso. Lugares melhores precisavam de suas ações. Obrigada por resistir e por reexistir em mim. Você me move, me remove. Me constrói, me reconstrói. Sou pedaço teu. Tua cara, teu sangue A Positivo. Sou semente que germinou de Adiérsen. Sou tua. Tua criação. Sou Bus(sol)(ar)o. Sempre soube que era você o sol e o ar que levamos no nome. Hoje te sinto sol a me aquecer. Te sinto ar a respirar. Te sinto lar doce lar. Te sinto aqui e em todo lugar. Talvez nunca estivemos tão próximos. A sensação de que está aqui é constante. No arrepio no meio da noite, no vulto que insisto em enxergar, na primeira estrela a brilhar no céu. É meu anjo da guarda.

Vou te confessar: Quando sinto o vento em meus cabelos sei que é você os assoprando. Sinto saudades em te ver naquela mesa contando o que acontecera no seu dia, do brilho em seus olhos azuis, e foi ali que, mais do que sua filha, virei sua fã. Agora resta aquela mesa e seu lugar marcado que ninguém tem coragem de substituir. Eu sonho contigo em infinitas madrugadas. E antes que isso aconteça, ao fechar os olhos na hora de deitar, sua imagem sempre vem tatuada em minhas pálpebras. É difícil, todo dia parece que uma gota de água pinga na ferida e ela amolece. Todo dia a gente lembra, todo dia a gente sente falta. Todo dia. “Oh, pedaço de mim, oh, metade exilada de mim. Leva os teus sinais que a saudade dói como um barco, que aos poucos descreve um arco e evite atracar no cais”. (BUARQUE, 1978). Não é fácil te ver partir. Eu confesso, “[...] não aprendi dizer adeus, mas deixo você ir [...]” (MARQUES, 1990). Prefiro pensar que você desencarnou e reencarnará flor. Independente de onde e como estiver, renasça. Renasça flor, renasça vento, renasça amor. Está chegando a hora de postar a carta. Parece insuportável ter de parar de escrever. Mas promete me responder? Eu prometo que escreverei sempre que puder. Então, “[...] brilha onde estiver, faz da lágrima o sangue que nos deixa de pé”. (ANITELLI, 2007). Você ficará eternamente na minha imaginação. Te construo e reconstruo em minha mente. Te faço e refaço. Te amo.

Enquanto houver você do outro lado aqui do outro eu consigo me orientar. [...] Tua palavra, tua história, tua verdade fazendo escola, e tua ausência fazendo silêncio em todo lugar. Metade de mim agora é assim, de um lado a poesia, o verbo, a saudade, do outro a luta, a força e a coragem pra chegar no fim. (ANITELLI, 2007).

E por último: “Promete ser pra sempre o meu menino, me deixar cantar pra te fazer dormir, que eu prometo que vou te cuidar pra sempre. Eu te amo infinito, meu guri.” (VILELA, 2017).

P.S.: O céu mal pode esperar por você, então vá, vá pra casa!

De: Sua menininha!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANITELLI, Fernando. O anjo mais velho. In: **O Teatro Mágico**. Entrada para Raros – Ao vivo. São Paulo. 2007. 1 DVD. Faixa 16.

\_\_\_\_\_. Vigília. In: **O Teatro Mágico**. Entrada para Raros – Ao vivo. São Paulo. 2007. 1 DVD. Faixa 8.

BUARQUE, Chico. Pedaco de mim. In: **Chico Buarque**. Polygram/Philips, 1978. 1 LP. Lado B, faixa 2.

DURAND, Gilbert. **O Imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução Renée Eve Levié. 3 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

MARQUES, Joel. **Não aprendi dizer adeus**. Intérpretes: Leandro e Leonardo. In: Leandro e Leonardo. Leandro & Leonardo Vol.5. Warner Music, 1991. 1 CD. Faixa 3.

MIOTO, Gustavo. Impressionando os anjos. In: **Gustavo Miotto**. Ao vivo em São Paulo. São Paulo: Sony Music Entertainment, 2017. 1 DVD. Vol.2. Faixa 1.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1993.

SALVADOR, Roberto. **A era do radioteatro**: o registro da história de um gênero que emocionou o Brasil. Rio de Janeiro: Gramma, 2010.

SCHEFFNER, Horst. Para uma teoria da peça radiofônica. In: SPERBER, George Bernard. **Introdução a Peça Radiofônica**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1980.

SPRITZER, Mirna. **O ator e o rádio**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou**: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo. São Paulo: Paulus, 2014.

VILELA, Ana. Promete. In: **Ana Vilela**. Som Livre, 2017. 1 CD. Faixa 6.